

Helena Rebelo

Universidade da Madeira - Funchal

O SEXO DA LINGUAGEM. BREVE ESTUDO BASEADO EM «O DRAGÃO DE FUMO» DE JOÃO AGUIAR

Abstract

Discussion of femininity implies talking about the natural, physical perspective and also the grammatical perspective. Above all, however, it means talking about the existing relations between «female and male».

There is a general tendency to model the grammatical differences on the physical differences between man and woman. So for this general vision, the problem of femininity is easily solved when a woman talks in a feminine manner and the man in a masculine manner.

The topic of my communication disturbs this vision in one way or another. However I will try to demonstrate, based on the foundations of João Aguiar, and more specifically the *Dragão de Fumo*, that man can also talk in a feminine way.

1. Género e Sexo

O género gramatical é um ponto de reflexão linguística que motiva algumas inflamadas discussões, quer na praça pública, quer no meio académico. Do conjunto de questões que se colocam, destaco a que diz respeito às relações entre género e sexo. Perspectivo facilmente estas relações sob dois prismas. Por um lado, o género e o sexo são encarados como completamente diferentes, visto o género ser um dado linguístico, gramatical, enquanto o sexo é uma realidade fisiológica, natural. Por outro lado, confluem quando o género representa linguisticamente o sexo. O problema colocado pela confluência agrava-se com a nomenclatura usada. O género gramatical reporta-se à classificação dos substantivos e de outros elementos que com eles concordam. Em português, seguindo as pisadas da gramática tradicional, o género gramatical apresenta-se como «género masculino» ou «género feminino». Extrapolando para a dimensão natural e fisiológica do género humano, os adjectivos «masculino» e «feminino» subsistem em «sexo masculino» e «sexo feminino». A coincidência adjectival não favorece a distinção, mas, sim, a confusão entre género e sexo, provocando a identificação entre eles. Portanto, fácil e frequentemente, género e sexo são considerados como uma e mesma coisa. Assim, respectiva e automaticamente, a

«género masculino» liga-se «sexo masculino» e, a «género feminino», «sexo feminino».

Uma das discussões mais inflamadas tem a ver com esta identificação que se manifesta, por um lado, na problemática do género dos substantivos de profissões, cargos militares, políticos ou outros, social e culturalmente exercidos por um dos sexos, mas que têm vindo a ser alargados ao outro sexo, sem alteração linguística, e, por outro lado, na discriminação que este facto comporta. É evidente a discriminação sexual a nível social, e muitos revêem-na a nível linguístico, afirmando, por exemplo, o machismo de uma língua. Cito a este propósito Paula Torres de Carvalho, Isabel Allegro de Magalhães e Rosa Rossi (Outros estudos podem ser referidos, nomeadamente os desenvolvidos por Marina Yaguello). Paula Torres de Carvalho assina, no diário *Público*, um artigo intitulado «O Sexo da Língua». Expressa a sua opinião, da seguinte forma (Carvalho, 99/07/03: 26):

O português é ou não uma língua machista? Não se conhecem estudos sobre o assunto mas o debate está em aberto. Sabe-se, sim, que no que respeita a profissões, já se encontram nos dicionários os femininos de funções tradicionalmente desempenhadas por homens: magistrada, embaixadora ou ministra, mas não consta tenenta, coronela ou generala.

Ao longo do artigo, cita diversos linguistas e conclui – sugerindo um envolvimento pessoal na discussão – que, futuramente, a «discriminação linguística» da mulher tenderá a acabar já que o substantivo «língua» é feminino. Diz o seguinte:

O debate acerca de todas estas questões é «pertinente», e «útil», na opinião de todos os entrevistados. Mas o mais importante – como diz Andrade Peres – é ter em conta «o que o povo diz, não o que os académicos defendem. A linguística tem de verificar, não tem de prescrever. Em certos casos, pode dar uma orientação, mas é uma luta perdida. A língua vence sempre». E a língua é um substantivo feminino...

Por seu lado, Isabel Allegro de Magalhães (Magalhães, 1995: 46), no seu livro, *O Sexo dos Textos*, também reflecte sobre esta temática do género e da discriminação. Exemplifica com o francês:

A criação de um novo vocabulário é uma das características geralmente mencionadas como típicas da escrita feminina. Não aparecem entre nós casos de uma criação de vocabulário «feminista» ou tentativas de «feminizar» a linguagem, como o que, a certa altura, se passa em França. Algumas escritoras francesas, num gesto lúdico de protesto contra o domínio masculino sobre a linguagem, mudaram o género – ou o sexo – das palavras, dando-lhes um novo sentido que eventualmente

alerta para o silêncio
comuns, o silêncio
casserole; e
introduzindo pe

Quanto a Rossi
1978: 16):

È sul terreno de
che si pone il
rischio o di so
solo della «dor
capacità di conf

As três autor
identificação de gé

Nestas contro
-me a atenção e de
das palavras das d
e a linguagem. P
descobrir pela ling

2. Sexo e linguagem

Muitas dúvidas
linguagem e o sex
linguagem? Estar
género gramatical
género – nas líng
mulher? Haverá
homem? Não cor
não podem comu
linguagem femin
porque própria d
linguagens existe
mulher e uma mu
culturais, sociais,
Assim me parece
factos sociais, cu
escrita, e isto suce

alerta para o silenciamento do feminino; ou então mostram, na grafia de palavras comuns, o silenciado corpo feminino. Por exemplo: *le casse-rôle* a substituir *la casserole*; e *la ciel* em vez de *le ciel*; ou grafam *peaussibilité* e *scintillation*, introduzindo pele e seio na semântica das palavras.

Quanto a Rosa Rossi, na sua obra *Le parole delle donne*, escreve (Rossi, 1978: 16):

È sul terreno del linguaggio, infatti, e in particolare sul terreno della lingua verbale, che si pone il problema delle forme di funzionamento del pensiero, e pertanto il rischio o di soffocare le forme «femminili» di cultura e sensibilità (che non sono solo della «donna») o di relegare la donna reale in un mondo separato, privo di capacità di controllo e di espansione.

As três autoras associam o sexo e a linguagem, e duas delas aceitam a identificação de género e sexo.

Nestas controversas discussões suscitadas pela temática do género, prendo-me a atenção e desperta-me particular interesse não tanto reflectir sobre o género das palavras das diferentes línguas, mas abordar a relação entre o sexo do falante e a linguagem. Portanto, pergunto-me se a linguagem tem sexo, se é possível descobrir pela linguagem o sexo do falante.

2. Sexo e linguagem

Muitas dúvidas decorrem do tipo de relação que se estabelece entre a linguagem e o sexo... Qual a pertinência de relacionar o sexo do falante com a linguagem? Estará o sexo do falante relacionado com a linguagem através do género gramatical das palavras que usa? Uma das razões que poderá explicar o género – nas línguas onde existe – não será a distinção sexual do homem e da mulher? Haverá uma linguagem específica da mulher e outra específica do homem? Não corremos um sério risco se defendermos que o homem e a mulher não podem comunicar porque usam linguagens diversas? Se podemos falar em linguagem feminina, porque específica da mulher, e linguagem masculina, porque própria do homem, haverá algum ponto de intersecção? Se estas duas linguagens existem, o que as caracteriza? Poderá um homem falar como uma mulher e uma mulher falar como um homem? Não estarão nestas questões dados culturais, sociais, educacionais, etc. a condicionarem o ponto de vista linguístico? Assim me parece e é, precisamente, o que inflama a discussão. Correlacionam-se factos sociais, culturais, sexuais com a linguagem, especialmente a linguagem escrita, e isto sucede, mais especificamente, na Literatura.

É o que se comprova sobrevoando rapidamente a história da humanidade. Pelo mundo fora, sempre houve, e ainda há, mais mulheres analfabetas do que homens e constata-se que, desde sempre, o homem falou pela mulher, porque ela não tinha direito à palavra pública¹ real ou ficcional. Na Antiguidade, no próprio teatro, os papéis femininos eram representados por homens. Na Idade Média, na poesia trovadoresca, o homem falava em nome da mulher. No século XIX, houve escritoras que, para se afirmarem pela escrita, tiveram de recorrer a pseudónimos masculinos, foi o que sucedeu com Georges Sand e Georg Eliot. No século XX, mas não em todos os países, a mulher tem, finalmente, direito à palavra pública, oral e escrita. Com este voo histórico, pode parecer que me estou a afastar do tema que me propus, porém, estou a aproximar-me dele circunscrevendo-o. Todas estas observações se relacionam directamente com a questão colocada à qual associo uma outra, especificamente relacionada com o sexo e a linguagem. Terá a linguagem sexo quando um homem fala em nome de uma mulher?

Numa situação de comunicação normal, identifica-se o sexo do falante porque se vê e o problema da relação sexo-linguagem parece não se colocar. Se, eventualmente, houvesse a privação da visão, seria fácil de reconhecê-lo pela voz porque, acusticamente, a voz do homem possui características diferentes da voz da mulher. Estas observações parecem minimizar o tema central da minha presente reflexão, reduzindo-o a uma evidência. Porém, desafiando a evidência, mantenho a minha pergunta. Será realmente possível reconhecer o sexo de um falante pela linguagem que usa? Não tendo em conta nem a visão, nem a audição, será realmente possível reconhecer, pela linguagem, o sexo do falante? Na escrita, será possível identificar o sexo do falante? Isabel Allegro de Magalhães (1995: 9-10) dedica-se, particularmente, a esta tarefa, questionando-se e colocando de novo a tónica na relação sexo-género:

Poder-se-á dizer que os textos têm sexo? E se o têm, o que dizem sobre a identidade dos seus autores?

Aparentemente, só os autores têm sexo, não os textos. No entanto, se repararmos, os textos são tecidos linguísticos e a matéria da língua – em particular a das línguas latinas, no Ocidente – é toda ela sexuada. Artigos, pronomes, algumas flexões verbais, substantivos concretos e abstractos, adjectivos, são em grande número marcados por um género gramatical, possuem uma forma para o feminino e outra para o masculino. É certo que se trata de uma convenção, mas como nasceu, ou quem determinou essa convenção? Não reflectirá ela, como constituinte do código simbólico que a língua é, o sexo masculino dominante, desde sempre, em quase todas as sociedades?

Para além do tecido linguístico em si mesmo, a utilização que da língua se faz – a linguagem escolhida, recriada por cada falante e por cada escritor/a – manifesta, também ela, preferências diversas, a nível morfológico, fonético, sintáctico, semântico, e também rítmico, rimático, etc., preferências essas que podem ser

olhadas como es
homens e de mul
como ainda as
(racional, afectiv
variáveis a identi
de quem presta at

Aceitando esta
mesmo a linguagem
masculino correspo
linguagem feminina

O homem e a
diversos. Podem, po
forma de se express
diferentes? A conc
linguagem. Ora, tam
desta perspectiva. A

(...) quererá dize
dois pólos dist
eventualmente
predominantes n

E diz a segundá

soffocare le for
«donna»).

Portanto, segu
relacionam-se, por
uma mulher poderá
feminina. O sexo e
sempre é possível
Magalhães.

3. O sexo da lingu

É-me possível
tema central da mi
fala em nome de
personagem femin
meu campo de est

olhadas como espelhos, mais ou menos nítidos, dos universos de experiência de homens e de mulheres. E não apenas a linguagem expressa essa dualidade sexuada, como ainda as antenas de percepção do mundo, as sensibilidades, as lógicas (racional, afectiva, onírica); os pontos de vista, também eles, variam. E uma das variáveis a identificar, porque ela se repercute nos textos, é precisamente a do sexo de quem presta atenção, sente, pensa, ficciona, fala e escreve.

Aceitando esta ideia é, então, possível, relacionar o sexo e a linguagem, mesmo a linguagem escrita. Portanto, e seguindo um raciocínio comum, ao sexo masculino corresponderá uma linguagem masculina e ao sexo feminino uma linguagem feminina. Mas será mesmo assim?

O homem e a mulher são – é incontestável – sexual e psicologicamente diversos. Podem, porém, ser considerados radicalmente diferentes, até na própria forma de se expressar, de se apropriar da linguagem, usando, por isso, linguagens diferentes? A concordar com tal ideia, defende-se que o sexo determina a linguagem. Ora, tanto Isabel Allegro de Magalhães como Rosa Rossi discordam desta perspectiva. Afirma a primeira (Magalhães, 1995: 23):

(...) quererá dizer que não é possível separar águas com clareza; que não existem dois pólos distintos definidos pelo sexo de quem escreve. Poderemos é eventualmente falar de um sexo dos textos, ou seja, falar de tendências predominantes na escrita.

E diz a segunda²:

soffocare le forme «femminili» di cultura e sensibilità (che non sono solo della «donna»).

Portanto, seguindo a posição destas autoras, o sexo e a linguagem relacionam-se, porque se manifesta, na linguagem, a sexualidade do falante, mas uma mulher poderá usar uma linguagem masculina e um homem uma linguagem feminina. O sexo e a linguagem não estão proporcionalmente relacionados. Nem sempre é possível «separar águas com clareza», dizia Isabel Allegro de Magalhães.

3. O sexo da linguagem escrita

É-me possível aglutinar as perguntas já formuladas. E conseguirei, assim, o tema central da minha reflexão: Que sexo terá a linguagem quando um homem fala em nome de uma mulher, ou seja, quando um escritor concebe uma personagem feminina? Poderia tratar a situação inversa, mas a fim de delimitar o meu campo de estudo, preferi aquela. Embora o meu objectivo seja puramente

linguístico, recorro à Literatura para constituir o meu *corpus*. Selecionei a obra de João Aguiar *O Dragão de Fumo* porque, pela primeira vez, este escritor dá relevância a uma personagem feminina, Rita. A escolha do autor e do texto prende-se com a leitura que tenho vindo a fazer, por deleite pessoal, da obra completa de João Aguiar e por constatar que as personagens femininas dos romances anteriores a *O Dragão de Fumo* falam pouquíssimo, quando não falam de todo. As personagens femininas aparecem, naqueles romances, para dar relevância ao protagonista, sempre personagem masculina.

Numa entrevista conduzida por Maria Teresa Horta, no *Diário de Notícias* nacional, este escritor português contemporâneo, especialmente conhecido pelos seus romances históricos, confessa a dificuldade que sente em conceber personagens femininas e de lhes dar protagonismo. Invoca um motivo: receia criar um «monstro», um ser híbrido – aparência de mulher, mas essência masculina. João Aguiar não refere a linguagem, quando explica este motivo. Diz apenas que não deseja criar mulheres que «*funcionam, reagem, pensam e sentem como se fossem homens*». Porém, as personagens afirmam-se pela linguagem, pelo que dizem e pela forma como o dizem.

João Aguiar venceu o receio e dá protagonismo em *O Dragão de Fumo* a duas personagens: uma masculina – Adriano, o pai – e outra feminina – Rita, a filha. João Aguiar «incorporiza» Rita, falando por ela. Se não me interessa analisar as personagens – os seus pensamentos, os seus sentimentos, os seus comportamentos, interessam à minha reflexão os enunciados proferidos por Rita e, conseqüentemente, os de Adriano. Como falará o autor quando fala em nome de Rita? Falará de forma diferente da que escolhe quando fala como Adriano? Como expressa um homem o feminino? Será um homem capaz de falar no feminino? Como falam um homem e uma mulher quando concebidos por um escritor?

Porque me interessa averiguar se a linguagem tem sexo e procuro resposta numa obra onde o autor dá realce a uma personagem feminina, é possível pensar que, logo à partida e por dois motivos, os dados estão falseados. Primeiro, o discurso é fabricado e por isso foi ponderado, minuciosamente medido. Segundo, enquanto leitora, conheço, à partida, o sexo do autor e das personagens. Embora o primeiro motivo apontado pareça condicionar os dados, vai mostrar, pelo contrário, que se é um discurso fabricado – convém não esquecer que o próprio escritor reconhece que, ao conceber a personagem feminina, foi cauteloso – o discurso de Rita deverá facilmente reconhecer-se como feminino e o de Adriano como masculino. O segundo motivo fez-me distribuir um questionário a pessoas que não conheciam o texto. Portanto, é na interpretação destes questionários que vou tentar encontrar uma resposta à questão e este breve estudo dar-me-á os dados a analisar com imparcialidade.

É-me possível dividir em dois grupos o discurso directo da obra: os diálogos entre Rita e Adriano (com ou sem a intervenção de terceiros) e os diálogos de um

deles com outra(s) tipo, que podem ser dois ou de um dos também por escrito mais o meu campo

Organizei o m

1ª fase – Lo

transcrevi (**Anexo**) elementos para nã os graus de paren filha», «Pai, paiz *priori* a identifica de casa», «paizinh «reconhecê-lo», «

2ª fase - Subm as duas personaje ao mesmo número e 10 mulheres, par

3ª fase – Tra dos 10 homens e c resultados, trabalh deixa por diálogo coloquei numa co M (Masculino) co Nas colunas segu mulheres. Houve respondesse com manifestando as dados, optei por dúvida». Quando fosse um falante d Contabilizei toda

Os resultado estão mais vezes as 138 deixas, os D.V 23M, D.X interpretação ape estão 1 única ve (**Anexo 2**) suscit seja, foram profec masculinas.

deles com outra(s) personagem(ens). A análise basear-se-á apenas no primeiro tipo, que podem ser na presença ou na ausência (por exemplo, ao telefone) dos dois ou de um dos interlocutores. Além do diálogo, Rita e Adriano comunicam também por escrito, através de correio electrónico, mas para circunscrever ainda mais o meu campo de estudo, limito-me, única e exclusivamente, aos diálogos.

Organizei o meu brevíssimo estudo em três fases consecutivas:

1ª fase – Localizei, no romance, os diálogos entre as personagens e transcrevi (**Anexo 1**), apenas, o discurso directo, excluindo – mas não todos os elementos para não prejudicar a leitura – os nomes próprios («Rita», «Ritinha»), os graus de parentesco («paizinho», «filhinha»), os vocativos («Minha querida filha», «Pai, paizinho querido»), ou outras referências que condicionariam *a priori* a identificação do sexo do falante («minha querida», «esta humilde dona de casa», «paizinho», «teu velho e alquebrado pai», «todo padre», «conheço-o», «reconhecê-lo», «bem disposto», etc).

2ª fase – Submeti ao critério de 20 pessoas os XIV diálogos transcritos entre as duas personagens, sem qualquer identificação destas. Distribuí o questionário ao mesmo número de homens e de mulheres. Constituíram a amostra 10 homens e 10 mulheres, para poder tirar algumas conclusões equitativas.

3ª fase – Tratei os dados obtidos em quadros, um quadro para as respostas dos 10 homens e outro quadro para as respostas das 10 mulheres. Para analisar os resultados, trabalhei da mesma forma os XIV diálogos (**Anexo 1**). Numerei cada deixa por diálogo – no total são 138³ – e parti dos dados do romance que coloquei numa coluna identificada como OBRA. Indiquei com F (Feminino) ou M (Masculino) consoante as deixas fossem, respectivamente, de Rita ou Adriano. Nas colunas seguintes, fui apresentando as respostas dos 10 homens e das 10 mulheres. Houve quem não respondesse e representei esta situação com 0, quem respondesse com um ponto de interrogação cujo símbolo utilizei, ou M/F, manifestando as duas possibilidades. No sentido de facilitar o tratamento dos dados, optei por contabilizar estes três tipos de resposta na coluna «Total dúvida». Quando os questionados identificavam o sexo do falante punham M (se fosse um falante de sexo masculino) ou F (se fosse um falante de sexo feminino). Contabilizei todas as respostas para M e F dadas pelas 20 pessoas.

Os resultados obtidos são os seguintes: quer os homens, quer as mulheres, estão mais vezes em desacordo do que de acordo quanto ao sexo do falante. Para as 138 deixas, os 10 homens estão integralmente de acordo 4 vezes (D.V 14M, D.V 23M, D.X 5M e D.XII 9M). As 10 mulheres optam todas pela mesma interpretação apenas 2 vezes (D.IV 3M e D.XII 9M). As 20 pessoas questionadas estão 1 única vez de acordo (D.XII 9M). Portanto, dos 138 enunciados só 6 (**Anexo 2**) suscitaram concordância e são todos eles identificados com M, ou seja, foram proferidos por Adriano, embora haja deixas de outras personagens masculinas.

Daqui concluo, para finalizar, que a falta de concordância é significativa e que é difícil identificar o sexo do falante pela linguagem. Ao falar por uma personagem masculina ou feminina, o escritor fala da mesma forma, caso contrário, as 20 pessoas questionadas estariam todas de acordo, identificando as deixas como M ou F, e se a identificação das femininas trouxesse dificuldades (devido ao receio manifestado pelo escritor), então deveriam identificar todas as deixas como M, mas nem isso sucedeu.

Portanto, só posso concluir, pelos dados apresentados, que a linguagem não tem sexo e que um escritor, quando fala em nome de uma personagem feminina ou masculina, usa a mesma linguagem – a linguagem humana.

DIÁLOGOS: Assim
sido proferido por

D. I (Telefone)

« Sim, (...). Diz lá
(...)
- Não sei se incomod
(...)
- Não incomodas,
então, há novidade
- Macau.
(...)
- Ah, Macau. Entã
- Camilo Pessanha
- Claro! - (...) - Tã
O mais depressa
hora. (...)
- E já agora, pode
(...) - Camilo Pes
preocupes, isto fo

D. II (em Lisboa)

« Claro que aind
- Está é velho, ta
(...)
- Temos muito te
- Eu sei, não este
(...)
- A propósito –
(...)
- Sim. Está tudo
o apoio...
(...)
- Então, Macau.
(...)
- Já agora, (...).
que telefone aos
(...) - Se escrev
ajudar-me e tod
- Claro, é essa a
- Pois, mas eu r
- Ah, eu sei, Ma
- Nunca te perg
tentado...
(...)

Anexo 1

DIÁLOGOS: Assinale com **M** (masculino) ou **F** (feminino) conforme o discurso lhe parecer ter sido proferido por um homem ou por uma mulher.

D. I (Telefone)

«- Sim, (...). Diz lá.

(...)

- Não sei se incomodo. Pelo tom, parece-me que sim.

(...)

- Não incomodas, tu nunca incomodas. Estava mais ou menos à espera de uma chamada tua. E então, há novidades? Tomaste uma decisão?

- Macau.

(...)

- Ah, Macau. Então vais para esse tal Instituto ...

- Camilo Pessanha

- Claro! - (...) - Tinha de ser, era inevitável. E quando é que partes?

O mais depressa possível, (...), porque eles estão pendurados, houve uma desistência de última hora. (...)

- E já agora, podes explicar o que é inevitável?

(...) - Camilo Pessanha é inevitável em Macau. O nome dele nesse instituto, quero dizer. Não te preocupes, isto foi uma graça de mim para comigo, restos de coisas passadas.»

D. II (em Lisboa)

«- Claro que ainda tenho chá, sabia que vinhas buscar-me a casa (...).

- Está é velho, talvez. Não lhe toquei desde a tua última visita e isso já foi há três séculos.

(...)

- Temos muito tempo, não te preocupes (...).

- Eu sei, não estou (...).

(...)

- A propósito - (...) -, as questões do divórcio estão encerradas?

(...)

- Sim. Está tudo acabado e é um grande alívio. Pelo menos, isso correu bem. Ainda não te agradeço o apoio...

(...)

- Então, Macau.

(...)

- Já agora, (...), podia dar-te outra espécie de apoio. Ainda teimas em não querer que eu escreva ou que telefone aos meus amigos para ...

(...) - Se escrevesses, aposto que tinha uma comissão de honra à minha espera e gente amiga a ajudar-me e todas essas coisas.

- Claro, é essa a ideia.

- Pois, mas eu não quero.

- Ah, eu sei, Macau, uma nova página (...).

- Nunca te perguntei isto: achas que fiz mal? No caso do divórcio, quero dizer. Achas que devia ter tentado...

(...)

- Quem sou eu para achar seja o que for? Eu, (...) ao fim de vinte e tal anos? O teu casamento espantou-me pela longevidade. Não faças essa cara. Julguei que ia durar seis meses, durou dois anos. Ainda não me recompus do espanto.

- Pai!

(...) - Isto não é uma crítica. É sinceridade. Tu não gostavas (...) e nem tiveste tempo para perceber. Três meses de... namoro? Ainda lhe chamam isso? De qualquer forma: três meses não chegam para conhecer alguém.

- Como sabes? Não estavas cá.

- Estava, sim, já não te lembras? Ou melhor, vim para o casamento.

(...)

- Outra coisa, e esta vem mesmo a propósito: suponho que te despediste da tua mãe e do teu irmão?

(...) - Pelo telefone. Só da mãe, que chorou mas sem grande convicção, penso eu, porque lá no fundo ainda não digeriu o meu divórcio e acha que eu devo afastar-me por uns tempos. O Joca estava a fazer uma birra e não quis vir ao telefone. Mas ouvi-lhe os ritos.

(...)

- Por que dizes tu que eu nunca gostei (...)?

(...)

Tu ouviste-me. Um namoro de três meses. Nem sequer terá dado para perceberes se gostavas ou não da água-de-colónia que (...) usa, quanto mais para perceberes se gostavas (...).

(...)

- Enfim - (...) ao menos, agora sinto-me em paz e em sossego.

- Não por muito tempo. Ninguém tem paz ou sossego quando desafia um dragão feito de fumo.

(...)

- Que imagem poética. É o que faz ter um pai escritor, passa-se a vida a apanhar com a intelectualidade criativa pela cara abaixo.

- Obrigado, (...). Mas não há poesia nenhuma, é uma coisa lixada. A mordedura deste dragão deixa marcas que não saem, tu vais ver.

(...)

- Vamos andando? Não sei como está o trânsito daqui para o aeroporto.»

D. III (Telefone)

«- Sim, (...), diz.

(...) - Perdão... de onde fala?

- Sou eu, (...), e o meu amor és tu, (...).

- Já é a segunda vez que ...

(...) - Que adivinho? Hoje não foi difícil. a esta hora da manhã, só podias ser tu.

(...) - Pois ... esqueci-me da diferença horária. Acordei-te?

- Estou a trabalhar. Então, as novidades?

(...)

- E Macau?

(...)

- (...), passa-se alguma coisa?

- Que coisa? Não, não se passa nada, que ideia? (...)

- Eu só queria ouvir-te a voz e mandar-te um beijo. E agora vou desligar e tu devias dormir.»

D. IV (Telefone)

« - Ouve: há coisas que eu preciso de saber. Podes dar-me o nome e o número de telefone de um ou dois amigos teus de cá? Gente em quem tenhas confiança e a quem eu possa fazer perguntas.

(...) - Pensei que não queria repetir-te a partida...

(...)

- Dou-te os nomes que queres, passa, porque é evidente que tu bem sabes, é a melhor maneira...

(...)

- Esse teu apartamento. Quer...

(...)

- Estou exactamente a pensar...

(...)

- (...) Lembro-te que o meu portátil. Não quero jurar quando lhe falar em Macau nada. Por mim, está decidido (...)

D. V (em Macau)

«- Mas não vieste a beber...

- Isso é uma grave falta de tempo em que estou a descansar...

- Ah, (...), isso é um romance...

(...) - À nossa. É a Macau...

(...)

- Pois é. Todos me dizem que esse recorte literário. Agora...

- Agora acabou a conversa...

- O que se passa?

(...)

- *Jet lag*, bem sei, o primeiro, então é que não...

(...)

- É incrível como por aqui cheguei a Macau e me lembrei de Macau e a história repetida...

(...)

- Se eu pudesse, (...) Mandava-te para Portugal bem.

- Pois, mas não já não há protecção, OK?

- "OK" não é português...

- Que chato!

(...) E não sei se é o fundo. Tu hás-de perceber os instintos paternos que crescem. O que é um carácter que...

(...) – Pensei que não querias conhecer os meus amigos de Macau. Pelo menos, foi o que disseste e repetiste-o à partida...

(...)

- Dou-te os nomes que quiseres, já se vê. Entretanto ficaria muito grato se me explicasses o que se passa, porque é evidente que não serve de nada dizeres que não tenho de preocupar-me. Essa, como tu bem sabes, é a melhor maneira de preocupar alguém.

(...)

- Esse teu apartamento. Quantos quartos?

(...)

- Estou exactamente a pensar nisso. Não te preocupes, eu durmo no chão.

(...)

- (...) Lembro-te que o meu trabalho faz-se em qualquer parte desde que haja um computador portátil. Não quero jurar, mas tenho a certeza de que o João Carlos até revira os olhos de gozo quando lhe falar em Macau e Hong Kong e quando lhe disser que só tem de pagar o trabalho, mais nada. Por mim, está decidido. A não ser que não me queiras aí ...?

(...)

D. V (em Macau)

«- Mas não vieste a beber champanhe durante toda a viagem, como é o teu costume? (...)

- Isso é uma grave deformação das minhas palavras ou até mesmo uma vil calúnia. Durante o tempo em que estou a dormir, não bebo champanhe. A última dose tomei-a à saída de Bangkok.

- Ah, (...), isso é um ror de tempo! (...) – Também vou beber porque eu não tive champanhe. À tua.

(...) – À nossa. E a Macau, já agora ...

(...)

- Pois é. Todos me dizem o mesmo, quero dizer, dizem coisas com o mesmo sentido mas não com esse recorte literário. A propósito, já conheço um amigalhaço teu, um médico. (...)

- Agora acabou a conversa mole. Vais contar-me o que se passa.

- O que se passa?

(...)

- *Jet lag*, bem sei, o jacto do lago, ha-ha. Nada de faenas, (...). Se for para a cama sem te ouvir primeiro, então é que não durmo. Anda lá, começa.

(...)

- É incrível como por vezes os cromossomas ultrapassam a sua competência e o seu pelouro. Eu cheguei a Macau e menos de um mês depois estava (...) num sarilho. Correm anos, tu chegas a Macau e a história repete-se.

(...)

- Se eu pudesse, (...) ... se eu ainda tivesse autoridade jurídica sobre ti, sabes tu o que fazia? Mandava-te para Portugal no primeiro avião. E talvez ficasse cá para explorar o assunto, não sei bem.

- Pois, mas não já não tens autoridade jurídica. E não vou fugir a correr, garanto. Não exageres no proteccionismo, OK?

- “OK” não é português.

- Que chato!

(...) E não sei se é proteccionismo, continua. É qualquer coisa mais complicada, que vai mais fundo. Tu hás-de passar pelo mesmo, se vieres a Ter crianças. O que acontece é que os nossos instintos paternos ... ou maternos, conforme o caso ... não são desactivados quando os filhos crescem. O que é uma pena, arriscamo-nos a ficar uns chatos, mas é assim mesmo, aliás é uma das características que nos distinguem dos animais. Evidentemente, não há razão para nos gabarmos

porque está provado que a Terra seria um planeta muito mais pacífico e agradável se nela não houvesse animais, mas ...

- Que conversa maluca é essa, agora?

(...) - Desculpa, são as perturbações dos fusos horários. Para voltar à vaca arrefecida: o que me preocupa em toda essa história é o envolvimento com uma seita.

(...) o A-Meng não está envolvido com seitas, foi o que ele me disse, foi o que jurou e eu acreditei nele. (...) não é forçoso que o teu aluno esteja envolvido directamente, alguém da família pode estar e tudo isso pode ser uma represália.

(...)

- Mas é uma mania que certas pessoas têm: se é chinês, anda metido com seitas! Como se toda a população da China...

- Eh! Eu não disse nada disso. Claro que ser chinês não é sinónimo de ser membro de uma seita. Mas elas existem, tal como a Máfia existe, é um facto da vida.

- Portanto, (...), peço-te muito que não te metas nesse assunto, nem mesmo nessa história dos Filhos da Puta Resplandecente...

- O que é que te deu?!

(...) Pronto, da Luz Resplandecente, desculpa, isto não era discurso de pai, ou melhor, era discurso de (...). Estou (...) podre. Mas depois do que tu me contaste, preciso de pensar no que posso fazer. Não podes fazer nada nem eu quero [que] faças (...). Vai dormir.»

D. VI (em Macau)

«- Então, o Alexandre já se foi embora? (...)

- Um tipo simpático. (...)

(...) - Que eloquência esmagadora! Mas pronto, se não queres falar no assunto, por mim ...

(...), não há assunto. Conheço mal o Alexandre, veio no mesmo avião que eu, como já te contei. Não quero cometer o mesmo erro que cometi com (...), portanto não estou com pressa de o conhecer melhor.

(...) o que é que ele está a fazer em Macau, já agora, por simples curiosidade?

(...)

- Trabalha num projecto da Escola Portuguesa, uma loja de cultura, que há-de abrir pouco antes da transferência da Administração.»

D. VII (em Macau)

«- Eu já sabia.

(...)

- Não percebo, é o Frederico! (...): eu também não percebo, porque não sei quem é o Frederico.

- Não sabes ...? Ah, pois não, é verdade. Já vais saber. Mas é que foi com ele que eu jantei, acabamos de sair do restaurante, veio trazer-me a casa. Por isso é que não percebo.

(...): entre, entre, eu esperava vê-lo e breve, mas *tão* em breve é que não esperava, isto é uma agradável surpresa. (...) o Dr. Frederico Ian, médico do Hospital de São Januário, foi ele que assistiu o A-Meng naquela noite horrorosa. (...) Encontrei isto no carro (...).

- A minha carteira?! Mas como, se eu não abri a bolsa dentro do carro?

- Abriu, com certeza (...) porque estava caída no chão.

(...)

- Eu conheço-o ... de nome, como escritor, e estou a reconhecê-lo agora das fotografias nos seus livros. Mas não sabia que estava em Macau, (...) não me contou ... gosta de Macau?

Muito, (...): desculpem-me a interrupção, (...) gostaria de saber se (...) tomam uma bebida.

(...)

- É bom, não é? (...) Aliás

- Deixa-te de propaganda

- Eu? Calúnia!

(...)

- Ouça (...) ao menos, faça

(...)

- É simpático. E fala um

- Pois fala. Veio de Moç

- Ah, As malhas que o in

(...)

- Já agora, gostava que

disseste na altura em que

(...)

- Há certas ocasiões, e

chegaste a casa, tu resp

(...)

- Não liguês. De resto,

- Eu não disse isso.

- Mas é verdade. E o

percebo: por que é que

(...) eu não impedi nada

- Aos meninos que me

Sabes muito bem (...)

eu não quero saber.

- Que tu não queres a

... é isso, não é? Ora tu

- Não é a mesma coisa

(...), boa noite, até am

D. VIII (em Macau)

«- Ensinas lindas coi

(...) "também tu"»

D. IX (em Macau)

«Tudo bem contigo

- Pois, não devo pre

que eu gostava muit

- Também eu. Mas

faz-me um favor: nã

OK continua a não

sair.

- É o inspector? (...)

(...), espírito cívico

verdade, tenho a en

(...)
- É bom, não é? (...) Aliás, ganhou um prémio ...
- Deixa-te de propaganda (...) e devolve o isqueiro que me roubaste.
- Eu? Calúnia!
(...)
- Ouça (...) ao menos, faça-me companhia num *whisky*.
(...)
- É simpático. E fala um português impecável.
- Pois fala. Veio de Moçambique.
- Ah. As malhas que o império tece, ou melhor, teceu.
(...)
- Já agora, gostava que me explicasses como é que sabes que o jantar foi agradável. Foi o que disseste na altura em que ele tocou à porta.
(...)
- Há certas ocasiões, em que ficas resplandecente, como os Filhos da Luz. E há bocado, quando chegaste a casa, tu resplandecias, era visível a olho nu.
(...)
- Não lighes. De resto, não é da minha conta.
- Eu não disse isso.
- Mas é verdade. E o meu interesse não é autoritário, é só afectivo. Há só uma coisa que não percebo: por que é que me impediste de dizer (...) que já vivi em Macau?
(...) eu não impedi nada ou então foi sem dar por isso, (...).
- Aos meninos que mentem, crescem-lhes as orelhas ... não o nariz ... enfim, um apêndice qualquer. Sabes muito bem (...) que não gosto que se fale nesse assunto. Há coisas da tua vida em Macau que eu não quero saber.
- Que tu não queres admitir que sabes. Entre outras coisas que me aconteceram, apaixonei-me (...) ... é isso, não é? Ora tu estás à beira de te apaixonares ...
- Não é a mesma coisa.
(...), boa noite, até amanhã.»

D. VIII (em Macau)

«- Ensinas lindas coisas aos teus alunos.
(...) "também tu"»

D. IX (em Macau)

«Tudo bem contigo (...)
- Pois, não devo preocupar-me. Só que a tua vida em Macau tem estado cheia de episódios titilantes que eu gostava muito de compreender.
- Também eu. Mas não tens de te queixar, estou a seguir as tuas pisadas, lembras-te? Entretanto, faz-me um favor: não te metas agora a detective nem a jornalista de investigação, OK?
OK continua a não ser português (...) e não vou meter-me em coisa nenhuma, pelo contrário, vou sair.
- E o inspector? (...) O inspector quer falar contigo.
(...), espírito cívico sim, mas convém não abusar das boas coisas. Diz-lhe que tive que fazer. E é verdade, tenho a entrevista para o *Nova Abelha*. Volto logo que acabar. Talvez volte, quero dizer.»

D. X (em Macau)

«- Vens cear connosco?

- Quem é o nosco? (...) Oh, os meus colegas, os nossos artistas, o Alexandre, o Frederico. Vamos à tasca de Coloane, aquela de que tu gostas.

(...) - Gente a mais, sabes como eu sou com as multidões. E depois, (...) o Frederico e o Alexandre, logo os dois?

(...)

- Foi só um gracejo inofensivo. Mas estou cansado, vou para casa.»

D. XI (em Macau)

«(...) o que é que tens, quase não jantaste, andas para aí sem poíso, pareces uma alma penada.

- Alma penada, não (...). - Diz antes, alma pensativa, reflexiva. Mas espera aí, que eu já te atendo.»

D. XII (em Macau)

«- Mais bem disposto? (...) mais aliviado, pelo menos. (...)

- Mau. Quem será, agora que eu me preparava para vestir o pijama?

(...) é o Alexandre.

- A esta hora?! (...) a casa é tua e eu não tenho nada com isso, mas era bom que (...) fossem menos ardentes. Que só funcionassem durante as horas de expediente, por exemplo.

- Estás a ser quase inconveniente! (...) Mas também não imagino o que ele quer agora.

(...)

- Se calhar, deixaste ficar a bolsa no carro dele. É um bom método.

(...) peço imensa desculpa (...) mas preciso muito de falar consigo. É muito importante.

(...) - Então, eu aproveito a deixa e vou para a cama... não, não estou ofendido (...), estou é com sono. Boa noite.»

D. XIII (em Macau)

«- As partidas que tu pregas (...).»

D. XIV (em Macau)

«- Lembras-te, (...), do que eu te disse em Lisboa? Sobre Macau? O que eu não podia.»

Enunciados qu

D. IV 3M	- Dou me ex dizere melho
D.V 14M	(...) E comple ter cr mater cresce mesm Evidê Terra aninu
D.V 23M	(...) I ou m conta
D.X 5M	- Foi
D.XII 9M	(...) ofen

¹ Rosa Rossi -
privada (interior) e l

² Cf. citação da

³ Por lapso, s
deveriam ser 141, m

Anexo 2

Enunciados que obtiveram a convergência de opiniões dos inquiridos

D. IV 3M	- Dou-te os nomes que quiseres, já se vê. Entretanto ficaria muito grato se me explicasses o que se passa, porque é evidente que não serve de nada dizeres que não tenho de preocupar-me. Essa, como tu bem sabes, é a melhor maneira de preocupar alguém.
D.V 14M	(...) E não sei se é protecção, continua. É qualquer coisa mais complicada, que vai mais fundo. Tu hás-de passar pelo mesmo, se vieres a ter crianças. O que acontece é que os nossos instintos paternos ... ou maternos, conforme o caso ... não são desactivados quando os filhos crescem. O que é uma pena, arriscamo-nos a ficar uns chatos, mas é assim mesmo, aliás é uma das características que nos distinguem dos animais. Evidentemente, não há razão para nos gabarmos porque está provado que a Terra seria um planeta muito mais pacífico e agradável se nela só houvesse animais, mas...
D.V 23M	(...) Pronto, da Luz Resplandecente, desculpa, isto não era discurso de pai, ou melhor, era discurso de (...). Estou (...) podre. Mas depois do que tu me contaste, preciso de pensar no que posso fazer.
D.X 5M	- Foi só um gracejo inofensivo. Mas estou cansado, vou para casa.
D.XII 9M	(...) – Então, eu aproveito a deixa e vou para a cama... não, não estou ofendido (...), estou é com sono. Boa noite.

¹ Rosa Rossi – Esta autora, na obra citada, refere particularmente a distinção em linguagem privada (interior) e linguagem pública.

² Cf. citação da p. 16 acima transcrita.

³ Por lapso, suprimi três deixas no diálogo IV – (5-1^o), (8-1^o) e (9-1^o) – por isso, no total, deveriam ser 141, mas são contabilizadas 138.